

DE QUE MODO SE RECONHECEM OS TALENTOS NAS CRIANÇAS E QUAIS OS QUE DEVEM SER TRATADOS

1. Trazido o menino para o perito na arte de ensinar, este logo perceberá sua inteligência e seu caráter. Nas crianças, a memória é o principal índice de inteligência, que se revela por duas qualidades: aprender facilmente e guardar com fidelidade. A outra qualidade é a imitação que prognostica também a aptidão para aprender, desde que a criança reproduza o que se lhe ensina, e não apenas adquira certo aspecto, certa maneira de ser ou certos ditos ridículos.

2. Não me dará esperança de boa índole uma criança que, em seu gosto pela imitação, não procurar senão fazer rir. Porque, primeiramente, será bom aquele que, na verdade, for talentoso; senão eu o julgarei antes retardado do que mau. O bom mesmo se afastará muito daquele lerdo e inerte.

3. Este meu (menino bom) compreenderá sem dificuldades aquelas coisas que lhe forem ensinadas e também perguntará algumas vezes; entretanto, mais acompanhara do que correrá à frente. Estes espíritos que, de bom grado, eu chamaria de precoces, não chegarão jamais à maturidade.

4. Estes são os que facilmente fazem pequenas coisas e, levados pela audácia, imediatamente ostentam tudo o que podem; mas, o que podem, em definitivo, é o que se encontra a seu alcance imediato; desfilam palavras, umas após outras, com ar destemido; profere-nas, sem nenhuma vergonha; não vão muito longe, mas vão depressa.

5. Não existe neles nenhuma força verdadeira, nem se apóiam totalmente em raízes profundas; como sementes esparsas à flor do solo, rapidamente se dissipam e, como pequenas ervas, amarelecem os frutos em suas hastes fracas, antes da colheita. Estas coisas agrandam na infância, por causa do contraste com a idade; a seguir, o progresso para e a admiração *diminui*.

6. Logo que tiver feito essas considerações, o mestre deverá perceber de que modo deverá ser tratado o espírito do aluno. Existem alguns que relaxam, se não se insistir com eles incessantemente. Outros se indignam com ordens; o medo detém alguns e enerva outros; alguns não conseguem êxito senão através de um trabalho contínuo; em outros, a violência traz mais resultados. Dêem-me um menino a quem o elogio excite, que ame a glória e chore, se vencido.

7. Este deverá ser alimentado pela ambigüidade; a este a repreensão ofenderá, a honra excitará; neste jamais recerrei a pergunta.

8. A todos, entretanto, deve-se dar primeiro um descanso, porque não há ninguém que possa suportar um trabalho contínuo; mesmo aquelas coisas privadas de sentimento e de alma, para conservar suas forças, são afetouaxadas por uma espécie de repouso

alternado; além do mais, o trabalho tem por princípio a vontade de aprender, a qual não pode ser imposta.

9. É por isso que aqueles cujas forças são renovadas e estão bem dispostas têm mais vigor e um espírito mais ardente para aprender, enquanto, quase sempre, se rebelam contra a coação.

10. O gosto pelo jogo entre as crianças não me chocaria; é este um sinal de vivacidade e nem poderia esperar que uma criança triste e sempre abatida mostre espírito ativo para o estudo, pois que, mesmo ao tempo deste ímpeto tão natural a esta idade, ela permanece lânguida.

11. Há, todavia, uma medida para os descansos; senão, negados, criará o ódio aos estudos e, em demasia, o hábito da ociosidade. Há, pois, para aguçar a inteligência das crianças, alguns jogos que não são inúteis desde que se rivalizem a propor, alternadamente, pequenos problemas de toda espécie.

12. Os costumes também se revelam mais simplesmente entre os jogos, de modo que não parece existir uma idade tão tenra que não aprenda desde logo o que seja mau ou bom; mesmo porque a idade mais fácil para formar a criança é esta que não sabe simular e cede facilmente aos precetos: quebram-se com efeito, não se endireitam aquelas coisas que tomaram definitivamente um aspecto mau.

13. Então, nada fazer com paixão, nada com arrebatamento, nada impotentemente; eis, de imediato, o aviso que é preciso dar à criança. Sempre se deve ter em mente o conselho virgiliano: "Nos primeiros anos o hábito tem muita força".

14. Na verdade, gostaria pouco que as crianças fossem castigadas, ainda que houvesse permissão, e Crisipo não desaprovasse. Primeiramente, porque é baixo e servil e certamente uma injúria, o que seria ilícito se se mudasse a idade; além do mais, porque se alguém tem um sentimento tão pouco liberal que não se corria com uma repressão, também resistirá às pancadas como o mais vil dos escravos. Finalmente, não haverá mesmo necessidade desse castigo, se houver ao lado das crianças um assistente assíduo de estudos.

15. Mas, hoje é geralmente a negligência dos pedagogos que parece continuar entre as crianças; porque não as forçam a bem fazer, punem-nas porque não fizeram. Enfim, não coagirdes uma criança com pancadas, que fareis para o jovem que, por outro lado, não terá nada a temer e que deve aprender coisas mais importantes?

16. Acrescente-se que muitas coisas vergonhosas e quase humilhantes de serem ditas aconteceram às crianças a serem castigadas, muitas vezes por dor e por medo; a vergonha contrange a alma, abate-a, leva-a a fugir e a detestar a própria luz.

17. Se já foi menor o cuidado em escolher os costumes vigilantes e mestres, é vergonhoso dizer em que ações infames homens nefandos caíram com o abuso deste ilícito de castigar; e este medo das pobres crianças dá também ocasião para o medo de